

# VERSOS E REVERSOS: A HIBRIDAÇÃO CULTURAL NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Taís Rocha Ribeiro<sup>1</sup>

Tarsis de Carvalho Santos<sup>2</sup>

Tânia Maria Hetkowsk<sup>3</sup>

**Resumo:** Esse artigo apresenta algumas reflexões sobre a experiência de trabalho “Conexões Negras, Bahias e Áfricas” desenvolvida na Escola Municipal Malê Debalê em Salvador/Ba, evidenciando as interlocuções entre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e a Cultura Africana e Afro-brasileira. A dinâmica latente à Cultura Digital e a necessidade de uma escola que atente para a diversidade cultural presente no nosso contexto, tem provocado a expansão de pesquisas, ampliações de metodologias e do aprofundamento teórico sobre as tecnologias digitais nas salas de aula. Nesse sentido, destaca-se o objetivo de discutir tais interlocuções e valorizar as concepções educativas presentes nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, foram desenvolvidas proposições teórico-metodológicas contemplando estudos tradições culturais, para além da função estética e expressiva, mas como elementos para compreender as dinâmicas culturais de um povo.

**Palavras-chave:** TIC. Dispositivos Móveis. Diversidade Cultural. Educação Básica. Hibridação Cultural

**Abstract:** This paper presents some reflections on the work experience “Black Connections, Bahias and Africas” developed at the Municipal School Malê Debalê in Salvador/BA, highlighting the dialogues between the Information and Communication Technologies (ICT) and the African culture and Afro-Brazilian. Latent dynamics of Digital Culture and the need for a school to watch out for the cultural diversity present in our context, has led to the expansion of research, expansion of methodologies and theoretical development of digital technologies in the classroom. In this sense, there is the objective of discussing such dialogues and enhance the educational concepts present in Law 10.639/03 and 11.645/08, theoretical and methodological propositions were developed contemplating studies cultural traditions, in addition to the aesthetic and expressive function, but as elements to understand the cultural dynamics of a people.

**Keywords:** ICT. Mobile devices. Cultural diversit. Basic education. Cultural hybridization.

<sup>1</sup> Mestra em Gestão Tecnologia aplicadas à Educação, GESTEC/UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/UNEB), Projeto de Pesquisa: Kimera Cidades imaginárias, desenvolvimento de jogo-simulador de cidades, mais em: [www.kimera.pro.br](http://www.kimera.pro.br) - [tais\\_rocha@hotmail.com](mailto:tais_rocha@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB). Membro do grupo de pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade - GEOTEC/UNEB. Graduado em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).

<sup>3</sup> Pós-doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS), Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/BA). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/BA). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC).

## INTRODUÇÃO

As transformações provocadas pela globalização nos modos tradicionais de produção de cultura, consumo e comunicação criam novos cenários e contextos, muitas vezes fragmentados e conflitantes. Para Ianni (1996) a globalização gera uma nova expansão do capitalismo, emergindo a sociedade global, a qual pode ser reconhecida pela dinâmica da trama histórica, pelos movimentos e possibilidades inesperadas enquanto elementos que impõem as diferenças e descontinuidades nas fronteiras entre os três mundos – países centrais, ocidentais e orientais – sob o signo do neoliberalismo<sup>4</sup> e outras correntes.

Segundo Santos (2000), a globalização perversa é o ápice do processo de internacionalização, tanto do lado da técnica quanto do lado da política. Já Gadotti (2000) afirma que existem duas globalizações: a econômica e a da cidadania (consciência/vivência de saberes e valores), onde as duas tem a mesma base tecnológica, mas com lógicas opostas. A econômica é comandada e submetida aos interesses capitalistas e a segunda é desenvolvida e conquistada pela organização da sociedade civil. Nesse sentido, é possível perceber que as discussões sobre a globalização perpassam, além de outros pressupostos, a ideia de que a hegemonia não necessariamente elimina as diferenças culturais, sociais e políticas, permitindo o desenvolvimento de outros contextos, nos quais as tecnologias da informação e comunicação (TIC) tem um grande papel no crescimento descentrado, plural e diverso na contemporaneidade.

A globalização como possibilidade (SANTOS, 2000) torna-se viável por meio das pessoas, movidas pelo desejo de transformação, em prol de um processo globalizado mais humano. Nesse sentido, por meio da utilização das técnicas e da ciência “o indivíduo reforcificado pode, num segundo momento, ultrapassar sua busca pelo consumo e entregar-se à busca da cidadania” (SANTOS, 2000, p. 166). A tecnologia é amplamente considerada nesse processo, tanto por exercer um papel central nos modos de produção do mercado global que efetiva a globalização enquanto perversa, quanto nas possibilidades de ressignificação tecnológica produzida pelas pessoas. Neste ínterim, os avanços dos usos das TIC no espaço escolar, ocorrido, sobretudo nas últimas décadas, despertam para a necessidade de refletir sobre tais avanços, as mudanças provocadas nas práticas educacionais e as diferentes formas de conhecer, produzir e compreender as dinâmicas sociais e culturais.

Neste artigo, foram analisados aspectos relativos às potencialidades das TIC pela via da capacidade criativa dos sujeitos, permitindo o protagonismo e a autonomia dos jovens para construir os saberes e fazeres dentro da sala de aula. Por meio da arte e estética presentes nas tradições culturais, foram desenvolvidas preposições metodológicas que auxiliavam os alunos a compreender como o ser humano se constitui como sujeito e como age no mundo social em interações mediadas por palavras, imagens, sons, gestos e movimentos.

Por meio do exercício da criticidade e do entendimento da diversidade cultural, é possível afastar-se dos saberes únicos, homogêneos e formais tão cristalizados na educação básica brasileira. Canevacci (1996), afirma que as culturas são plurais, contudo os contextos sócio-históricos da colonização e também

<sup>4</sup> Os países que lideraram a implantação da política neoliberal internacionalmente foram a Inglaterra e os Estados Unidos. SOARES, Laura Tavares Ribeiro. Ajuste Neoliberal e Desajuste Social na América Latina. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2001.

da globalização, no qual uma “Europa que se autoproclama ‘primeiro mundo’ e coloca – e ordena – os outros mundos em escalas devolutivas em uma direção a um baixo” (CANEVACCI, 1996 p. 92), interferem de forma estrutural nos modos possíveis de se conceber a pluralidade e a diversidade cultural na sociedade.

Na atualidade, em termos educacionais, mesmo sendo evidente o fato desse “ordenamento de estágios de desenvolvimento cultural” (CANEVACCI, 1996) ainda ser imperativo, é possível perceber um movimento descentrado, em prol da hibridação cultural, do pluralismo e da diferença. Assim, destaca-se a prática pedagógica com base nas relações étnico-raciais da Sociedade Cultural, Recreativa e Carnavalesca Malê Debalê<sup>5</sup>, fundada há 37 anos, difundindo valores e sentidos que reforçam a história e a cultura do povo negro. Desde 2006, a entidade também conhecida como Bloco Afro Malê Debalê possui uma escola de educação formal e pública, a Escola Municipal Malê Debalê, funcionando dentro de suas instalações.

Com o objetivo de ampliar as atividades já desenvolvidas na escola, estabeleceu-se a parceria com Grupo de Pesquisa em Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/UNEB), fortalecendo o vínculo entre a Universidade, a Pesquisa e a Rede Pública de Ensino. O GEOTEC desenvolve atividades e experiências que redimensionam práticas pedagógicas interativas-coletivas mediadas pelas tecnologias na Educação Básica da cidade de Salvador desde 2007, está vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) e Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), do Departamento de Educação (DEDC I) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Durante o desenvolvimento da investigação, estabeleceu-se como estratégia metodológica as (inter) conexões entre a experimentação e a pesquisa com o objetivo de conectar saberes:

A relação professor-aluno, mediada por práticas pedagógicas instituintes, redimensionam e mobilizam dinâmicas sociais e, estas dialogam sobre o mundo e a vida humana, eclodindo novas perspectivas de formação a esses sujeitos que produzem e atuam socialmente. Assim, as escolas não podem ser concebidas sem a utilização de instrumentos tecnológicos que influenciam fortemente essa dinâmica cultural, midiática, informacional e potencial a exploração de ações e práticas interativas-coletivas que conectam saberes formais e informais (HETKOWISKI; MULLER; AXT, 2014, p. 9).

Nessa articulação de saberes, alunos e alunas desenvolveram pesquisas e conteúdos a partir de dispositivos móveis, refletindo, por meio da arte visual e da estética negra, sobre a relevância da dimensão cultural no processo educativo, permitindo o protagonismo desses jovens para representar sua visão sobre a Cultura Africana e Afro-brasileira como fontes legítimas de produção do conhecimento. Nesse sentido, e com o objetivo de instigar a reflexão sobre os jovens no campo mais geral das articulações entre tecnologias, educação e culturas, esse texto se divide em três blocos.

O primeiro, “Culturas, Arte e Tecnologia: Hibridação nas Práticas Pedagógicas Escolares” tem a preocupação de conectar esses campos do conhecimento, por meio do diálogo com legitimados autores

<sup>5</sup> O Bloco recebeu o título pelo jornal *New York Times*, em 1996, por realizar apresentações com 2.000 dançarinos atuando conjuntamente. O nome do bloco é uma homenagem à Revolta dos Malês, levante de negros muçulmanos que ocorreu em 1835, em Salvador. O termo “malê” deriva do iorubá “imale”, designando o muçulmano, já ‘debalê’ foi um arranjo criado pelos fundadores, em referência ao balê e as energias positivas oriundas da dança. Fonte: [www.malêdebalê.info.br](http://www.malêdebalê.info.br)

que conduzem a abordagem teórica em favor da prática pedagógica, pela via de experiências comuns frente aos desafios para a compreensão da diversidade cultural. No segundo, “Modelagens metodológicas aplicadas da pesquisa” explicita as etapas de desenvolvimento, ponto de partida investigativo e a natureza das alternativas da pesquisa participante. No terceiro, “Pormenores e Percepções”, traz-se as falas dos jovens, demonstrando suas apropriações culturais e escolhas simbólicas e conclusões acerca do processo de pesquisa.

## 1. CULTURAS, ARTE E TECNOLOGIA: HIBRIDAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES

Os modos de produção das culturas e da comunicação passaram por inúmeras transformações ao longo dos séculos, associadas sempre aos mais variados suportes tecnológicos, trazendo uma miscelânea de conceituações teóricas, por vezes contraditórias e desordenadas ou excessivamente simplificadas. Para a análise desses modos de produção culturais e comunicacionais, faz-se necessário uma definição ampla do conceito de cultura, já que não se trata de um levantamento bibliográfico acerca da questão ou evidenciar uma uniformidade de pensamento, mas um meio de melhor perceber a diversidade cultural que emerge numa escola da rede pública de ensino que integra um grupo cultural e *carnavalesco* da cidade de Salvador.

Assim, definir culturas, nessa proposta, nada mais é que se fazer atento à compreensão de que o mundo de cada indivíduo constitui-se num universo amplo e de natureza complexa, em especial no que se refere às produções simbólicas da comunidade em questão. Para tal, o entendimento de cultura de Sodré (2012), que a define como conjunto dos instrumentos de que dispõe a mediação simbólica (língua, leis, artes, ciências, mitos) para permitir aos grupos ou aos sujeitos uma abordagem do real, fazendo menção às interações, corroborando com o conceito de hibridação (CANCLINI, 2013).

Canclini (2003) entende por hibridação os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003. p. 19). As práticas discretas que são encenadas em locais separados acabam por se recombinar, reconverter e reinserir práticas culturais distintas em um mesmo território, surgindo tanto da criatividade individual quanto da coletiva. Segundo o autor, o modo de vida urbano intensifica a hibridação, pela capacidade de aliançar práticas culturais dessemelhantes, como as existentes entre as elites e as massas, tradicionais e contemporâneas.

As relações de convivência com o “outro” revelam-se no cerne da problemática das culturas e das suas diversidades, remetendo a questões da complexidade humana e social, além dos processos de interação, da alteridade e do pluralismo. Os sujeitos convivem, selecionam, incluem, excluem, incorporam as estéticas, os saberes e os valores. O autor Canevacci (1996) discorre sobre o ‘apetite direcionado, sensível e delicado’ que se apresenta diante dessas convivências com o outro, atinando para a hibridação. Afirmando ainda que a palavra abre portas para a compreensão de um contexto descentrado e aberto.

Nesse contexto, o indivíduo, enquanto construção social, é resultado das relações da sociedade a qual pertence, por isso constitui-se de uma enorme variedade de práticas culturais provenientes das trocas e de diferentes construções simbólicas entre as diversas culturas sob os efeitos da globalização.

Nesta configuração social de disseminador globalizado, faz-se necessário destacar o papel dos meios de comunicação como agente popularizador de tais práticas culturais, sobretudo pela construção de possibilidades dos espaços de comunicação mais flexíveis, às características da Cultura Digital:

O digital possibilita a democratização da cultura através das tecnologias globais. Torna possível a compreensão da revolução tecnológica digital pelo prisma cultural. A digitalidade das mídias desencadeia a abertura de novas possibilidades paradigmáticas na convergência das tecnologias. (COUTO et al, 2008, p. 09)

As relações entre as práticas culturais, comunicacionais e os movimentos sociais passam a ter mais relevância, para além da técnica ou dos meios de comunicação em si. As trocas, as identidades móveis e os contatos evidenciam a necessidade de multiplicar os pontos de vista, criando diferentes fluxos contínuos que produzem sensações e estímulos. É preciso considerar que muitas vezes essa influência deve ser considerada positiva, pelas novas perspectivas híbridas.

Assim, as opções metodológicas adotadas pelo Bloco Afro Malê Debalê fundamentam-se em dois pontos essenciais (SANTANA, 2009): O primeiro, solidificado pela concepção da África como uma das matrizes históricas e culturais do povo brasileiro, balizado em conceitos que retratam a história, sociedade, antropologia, literatura e cultura do continente africano. O segundo, na compreensão crítica e mais integrada de processos históricos que se fazem relevantes na contemporaneidade, como as consequências do processo de descolonização da África e América Latina.

Antes mesmo de sancionadas as Leis 10.639/03 e 11.645/08, o bloco já desenvolvia atividades que destacavam a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômicas e políticas na sociedade brasileira. A Lei de 10.639/03 determina que esses conteúdos sejam ministrados em todo o currículo, em especial nas áreas de Educação Artística, História e Literaturas Brasileiras. Assim, o projeto 'Conexões Negras, Bahias e Áfricas', cerne desse artigo, nasce da necessidade de potencializar as atividades já desenvolvidas na escola, por meio da elaboração de um ambiente criativo e atrativo para os alunos, a partir do uso de diferentes recursos tecnológicos.

Faz-se necessário então, trazer o conceito de educação aqui assumido, no qual esta tenha uma função libertadora, permeada pelo sentido da "eticidade, que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora" (FREIRE, 1996, p. 7). A educação popular de base libertadora (FREIRE, 1982), afirma que cada pessoa possui uma história singular que precisa ser valorizada, por meio de uma postura crítica e sistemática que só é possível por meio do exercício contínuo de sua prática.

A educação de base libertadora pode então ser compreendida como uma possibilidade de interação de saberes, diálogos e conhecimentos mútuos entre os sujeitos do processo comunicativo de descobertas e produção do conhecimento, no respeito à diversidade, numa luta contínua contra as intolerâncias no qual a ética tem um papel de destaque.

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. (FREIRE, 1996, p. 8)

Os laços entre a arte e a educação são notórios, sobretudo na busca da educação enquanto prática libertadora, pelo próprio caráter transformador comum a estas áreas do conhecimento corroboram para o desenvolvimento de metodologias criativas e coletivas para conceber a diversidade cultural. Reafirma-se ainda os valores ético-estéticos que reforçam a identidade afrodescendente dos jovens educandos, promovendo autoestima e a autorreferência.

Nesse contexto, essa proposta visava promover uma reflexão a respeito da diversidade cultural, contribuindo para a construção de um referencial próprio desses sujeitos, por meio da arte e da estética. Assim, as atividades contemplavam artistas e obras que tinham a Bahia – em especial o bairro de Itapuã, onde a escola fica localizada – e os baianos como fonte de inspiração, artistas de quatro países africanos (Benin, Costa do Marfim, Etiópia, Nigéria), diálogos sobre a estética negra, culminando na produção de conteúdos sobre autorais pelos próprios estudantes, numa dinâmica sociocultural baiana referenciada no contexto da civilização africano-brasileira.

## 2. MODELAGENS METODOLÓGICAS APLICADAS DA PESQUISA

Para auxiliar na percepção da história do continente africano, é indispensável uma abordagem que permita o fortalecimento da identidade cultural, os valores e tradições africanas que tem o corpo como elemento expressivo-comunicativo. Assim, os povos *Akan*<sup>6</sup> e *Karo*<sup>7</sup> foram trabalhados, emergindo em sala de aula uma riqueza das formas de comunicação resultantes da relação entre as culturas tradicionais e contemporâneas.

Canclini (2003), afirma que os processos inerentes à hibridação cultural relativizam a noção de identidade, questionando conceitos de “pureza” e “autenticidade” que costumam ser associados à mesma. Na contramão, afirma que a identidade está em constante reelaboração, constituindo-se como múltipla e articulando-se em diferentes espaços, não podendo ser compreendida como se tratasse de um conjunto de traços fixos ou somente afirmá-la como a essência de uma etnia ou nação.

Logo, a identidade cultural de um indivíduo pode ser também compreendida por meio do contato com o outro. Segundo Canevacci (1996), a identidade não se apresenta como só, compacta, imodificável ou unitária, mas caracterizada pela pluralidade epistemológica, emergindo da interação e na relação com a alteridade, numa abordagem que caminha para formas experimentais e plurais de conhecer. Neste sentido é fundamental entender sua visão sobre a pesquisa.

O sujeito da pesquisa tem que se acostumar a pensar que o plural de “eu” nem sempre é o “nós” das comunidades ou do “coletivo”, mas também pode ser “eus”. O plural “eus” referido a um único sujeito, significa que não há um só modo de pensar, de sentir, e de acionar um objeto ou um modelo cultural. Multiplicar as subjetividades do pesquisador significa que emoção e razão, poética e cientificidade, gênero e número, não se confundem, mas se dilaceram, se acrescentam, se diferenciam. (CANEVACCI, 1996. p. 43)

<sup>6</sup> Os Akan são um grupo étnico e linguístico da África Ocidental milenar, que hoje se espalha pelos territórios de Gana e Costa do Marfim e mundialmente conhecidos pelas significativas habilidades em tecelagem. Destaca-se a produção de tecidos Adinkra, pano tradicional impresso ou carimbado com símbolos visuais que transmitem a sabedoria tradicional, os aspectos da vida e do ambiente e as virtudes da cultura local.

<sup>7</sup> O povo Karo é uma civilização da Etiópia que podem ser identificado por suas pinturas típicas e cicatrizes no dorso. Criam cores e desenhos especiais feitas com pedras calcárias, pó de ferro e carvão. Para eles, o corpo é o meio de comunicação para transmitirem suas mensagens e valores.

A pesquisa caminha por uma dialógica visível e audível para variadas subjetividades, multiplicando pontos de vista, métodos de pesquisa e estilos de representação. Nas palavras de Freire (1996), não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. O autor reconhece o caráter político e ideológico da atividade científica e pedagógica, por meio das ações: Pesquisar para constatar; Constatar para intervir; Intervir para educar.

Ao valorizar culturas e a educação que nascem do contexto social, privilegiando a participação direta dos sujeitos sociais na construção do conhecimento, essa investigação priorizou a metodologia de pesquisa participante (BRANDÃO, 2006), já que esta se apresenta como uma forma alternativa e emancipatória de saber popular. Na possibilidade de transformação de saberes sensíveis, oriundos dos movimentos sociais populares, pois “torna as investigações em comunidades populares em algo mais que o instrumento de coleta de dados. Em tornar o trabalho científico de pesquisa de dados uma atividade pedagógica e, de certo modo, também assumidamente político” (BRANDÃO, 2006, p. 27).

Esses modos de interação e de formas de fazer pesquisa que pressupõe sempre uma intervenção num contexto de realidade, a partir do entendimento de que a escola vai além do espaço de aplicação do saber acadêmico, mas como lugar de encontro de muitas vozes e saberes. Nesse movimento de pesquisa, intervenção e educação, as operações dessa investigação se instrumentalizam através de oficinas de amparo teórico e prático, nas quais os alunos e alunas puderam refletir sobre gostos pessoais, preconceitos, tensões, cultura popular e tradicional, diversidade, globalização e indústria cultural.

Exercitar o modo de pensar estético e criativo é se fazer sensível às relações com o outro e consigo, numa escuta atenta, traçando novos caminhos expressivos para uma aprendizagem que constrói o conhecimento à muitas mãos Assim, a proposta de trabalho com jovens do 5º ano do ensino fundamental envolveu três eixos básicos: Bahias; Áfricas; e Diálogos Negros, desafiando-os a pensar as culturas afro-brasileiras e africanas por meio de vivências e articulações, nas quais as tecnologias funcionam como potencial de experimentação de um modo de pensar mais estético e criativo.

Na sua análise teórica sobre culturas, Canevacci (1996) traz uma série de “palavras híbridas”, uma delas é a polifonia. Para o autor, a palavra-chave é mais adequada para um contexto de pesquisa onde há uma multiplicidade de mensagens, relacionando-se, ao mesmo tempo, com o objeto de pesquisa e o método. A produção de sentidos se dá no encontro, no desejo da escuta, logo a “polifonia não é a arte do correlacionamento de diferentes harmonias, bem como o contrário: entrelaçamento de dissídios, aproximação de conflitos, exercício da desordem tímbrica, perspéctica” (CANEVACCI, 1996, p. 43).

Conceito este que remete novamente a ideia de identidade móvel e variável, já que entrelaçam as potencialidades polifônicas, vozes diferentes, contrastes, fragmentos, capazes de alavancar no estético e no criativo o caráter teórico-conceitual ou social. Nesse sentido, permite que, através do pensar estético e criativo, os alunos busquem a si e sua história cultural, criem novos interesses, atitudes fundamentais para o entendimento do contexto cultural afro-brasileiro, africano, a multiplicidade de identidades negras e suas conexões.

A troca entre culturas, as mais diferentes entre si, pode ser uma contribuição positiva contra aquelas tendências que estão se afirmando pelo fechamento etnocêntrico, as novas ondas racistas que bloqueiam a identidade de indivíduos, grupos, classes, etnias em cânones já estabelecidos, fechados, nunca abertos à experimentação das diversidades, à mudança, portanto. (CANEVACCI, 1996, p. 53)

Todos os eixos contemplavam atividades de cunho teórico e prático, com oficinas sobre culturas, artes plásticas, arte digital, mídias, permitindo que os jovens produzissem ilustrações, fotos, pinturas digitais. Uma das motivações para o direcionamento temáticos das oficinas foi a da percepção de que os jovens experimentam a mobilidade informacional da Cultura Digital de modo mais intenso. Pelo contato com a televisão e a internet, na qual a informação pode ser apropriada quase que em tempo real, os jovens costumam entrelaçar, de modo mais cotidiano, os papéis de produtor e usuário, logo, foi criado um ambiente no qual essas funções pudessem ser exercidas.

Após a apresentação geral sobre a proposta e os assuntos abordados durante as aulas, foram apresentadas algumas técnicas de pintura, tanto digitais quanto tradicionais (aquarela, pintura em tecido com carimbos, pintura corporal), conceitos sobre as técnicas, como e quando eram utilizadas, artistas renomados, também foram mostrados vídeos, imagens, desenhos produzidos a partir das técnicas. Desse modo, os alunos não só exercitaram as técnicas, mas também foi mostrada a relação existente entre as mesmas, sendo mais uma oportunidade para os alunos conhecerem elementos das culturas através da arte. Já que a atividade artística, em sua raiz, rege-se pela força da produção simbólica.

O eixo temático Bahias tinha por objetivo propor discursões sobre a arte influenciada por uma matriz africana para a representação da cultura baiana, em especial aquelas representadas nas obras dos artistas Carybé, Caymmi, Verger. As atividades envolveram pesquisas, releituras das obras dos artistas, debates e discussões sobre as artes visuais como meio para refletir não somente sobre a multiplicidade de grupos étnicos, costumes e tradições diferentes entre os africanos que foram trazidos ao Brasil e para a Bahia.

O interesse pelo artista Carybé se destacou entre os alunos, possivelmente por ser considerado um artista dinâmico, já que a sua arte abrange a pintura, escultura, o desenho e a gravura, suas obras reúnem uma mistura de símbolos populares e místicos, cenários que caracterizam a Bahia, que fizeram dele um artista reconhecido internacionalmente. Os estudantes coloriram as ilustrações do artista Carybé, “As sete portas da Bahia” (1962), tanto por meio da pintura digital quanto por meio da aquarela tradicional gerando uma série de falas sobre as experiências em feiras livres de Salvador vivenciadas pelos alunos (Figura 1).



Figura 1 – Oficina do Eixo Bahias com utilização de Tablets, 2015.

Fonte: Banco de Imagens do GEOTEC.

Já no eixo temático Áfricas, as oficinas envolveram a historicidade dos valores civilizatórios africanos, numa perspectiva de perceber o continente africano para além da imagem primitiva, evidenciando tanto seus conglomerados urbanos quanto as culturas tradicionais. Os alunos realizaram pesquisas sobre artistas contemporâneos de países africanos, como, por exemplo, a música de Fela Cuti (multi-instrumentista, músico e compositor nigeriano), a arte visual de Bem Heine (pintor, ilustrador e fotógrafo nascido em Abidjan, Costa do Marfim), o grafitti de Alexandre Keto (artista brasileiro que viveu Gana, Benin e Angola, inspirando-se nas culturas Yorubá e Ashanti).

Os valores ético-estéticos dos povos *Akan* e *Karo* foram trabalhados com o objetivo de valorizar as culturas ancestrais, respeitando as suas alteridades, símbolos, mitos e filosofias. O uso de vários tipos de recursos visuais, aplicativos e jogos foram de grande importância, destacando aqui a utilização dos tablets pelos alunos, sendo possível perceber os desdobramentos coletivos de saberes e a mobilização do conhecimento em sala de aula, potencializados a partir da apropriação de tecnologias.

A simbologia Adinkra (um sistema de escrita pictográfica, que representa ideias comprometidas com a preservação e transmissão de valores, criada pelos povos *Akan*) foi reproduzida em tecidos por meio de carimbos, pintura digital e fotomontagens, trazendo contribuições significativas para uma melhor percepção da história e a ancestralidade, também as relações entre os povos africanos e as músicas, danças e estética negra presentes no Malê Debalê (Figura 2). Já a pintura facial, inspirada no povo *Karo*, foi utilizada para identificar valor estético do corpo como suporte expressivo-comunicativo.



Figura 2 – Oficina do Eixo Áfricas com a Simbologia Adinkra, 2015.

Fonte: Banco de Imagens do GEOTEC.

Na última etapa do projeto, Diálogos Negros, foram discutidas questões sociais e raciais, que envolvendo conscientização da importância da valorização da estética negra e da afirmação da identidade como meio de combate ao racismo, preconceitos e intolerâncias. Um desses momentos foi realizado pela Comissão

Marcha do Empoderamento Crespo<sup>8</sup>, abordando a imposição social para os negros que passaram por processos de relaxamentos químicos nos cabelos como forma de inclusão social, despertando a reflexão acerca da identidade que está atrelada ao processo de transição capilar dos cabelos afros.

O modo de pensar estético e criativo dentro do contexto da sala de aula, nesse projeto, foi para além de reflexões sobre as produções simbólicas, culturais, artísticas e estéticas. A possibilidade dos participantes exteriorizar suas identidades por meio da estética e da cultura, numa perspectiva polifônica, criou espaços para que os jovens pudessem se expressar, se reconhecer como sujeitos históricos, sociais e culturais. Em suas produções e falas, nota-se claramente suas trajetórias próprias que os moldam como indivíduos de uma sociedade multiétnica.

### 3. OUTROS OLHARES E OUTRAS PERCEPÇÕES

Os Pormenores são detalhes e minúcias que visam se ater ao que é especial, revelam algo que foi feito com cuidado, articulam-se com as histórias, valores, experiências, cotidianos atentos. Com o objetivo de valorizar pormenores, percepções e expectativas, sobretudo pelos benefícios trazidos aos alunos num contexto de práticas e teorias da educação culturalmente diversa, destacam-se as falas e inferências sobre as culturas afro-brasileiras e africanas, nas multifacetadas identidades negras possíveis, por meio da experiência pessoal e as vivências dos alunos e alunas enquanto produtores de conteúdos artísticos.

Ao reconhecer, potencializar e articular ações já desenvolvidas pela escola e pelo grupo cultural Malê Debalê, foi possível notar como os alunos adquirem rapidamente consciência crítica em situações que estimulam suas autonomias, trabalhando na construção de uma identidade étnica, social e cultural. A própria escola oferece um universo cultural repleto de produções simbólicas, referenciais afro-brasileiros e africanos como forma de manutenção da memória individual e coletiva da comunidade, refletindo nas falas e produções dos alunos.

Nos relatos, a presença de aspectos da cultura africana na atividade estética realizada nas atividades “Diálogos Negros” foram, sem dúvida, as mais marcantes, provocando situações desafiadoras para o grupo de pesquisa. Entre falas animadas, seguras e diretas sobre a valorização da estética negra, identidades e culturas, algumas situações de discriminação racial e as dificuldades de aceitação da própria estética surgiram.

Esta experiência permitiu o desenvolvimento de discussões dos aspectos estéticos, simbólicos e culturais presentes em diversas formas de expressões artísticas afro-brasileiras e africanas, colaborando na construção de identidades dos jovens, enquanto sujeitos sociais, à medida em que eles se percebiam enquanto sujeitos produtores de culturas. O contexto do projeto possibilitou ainda um processo retroalimentador das práticas culturais, num círculo que não se fecha, já que a presença de referências afro-brasileiras e africanas já existiam na comunidade escolar, mas até então algumas não eram percebidas ou apropriadas pelos sujeitos da pesquisa, destacando-se o papel das TIC nesse processo.

<sup>8</sup> A marcha do empoderamento crespo Salvador é uma manifestação política social que reivindica de forma individual para o coletivo a desconstrução do racismo pautando consciência e orgulho dos seus cabelos crespos, partindo do ato político, militante e de afirmação da identidade do povo negro com intuito de empoderar e lutar contra as opressões de classe. Fonte: [www.facebook.com/empoderamentocrespooficial](http://www.facebook.com/empoderamentocrespooficial).

**Referências:**

- BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. (Orgs) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRASIL. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africana. SEPP/IR/ Subsecretaria de Políticas de Ações Afirmativas. Brasília, Junho/2009.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003.
- CANEVACCI, M. **Sincretismos: Uma exploração das hibridações culturais**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Sociedade pós Moderna**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HETKOWSKI, T.; NASCIMENTO, A. D. (Orgs) **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- HETKOWSKI, Tânia Maria; DIAS, Josemeire Machado; NASCIMENTO, Fabiana; REZENDE, André Luiz. **Kimera – cidades imaginárias: um ensaio sobre as proposições teórico-metodológicas no desenvolvimento do jogo-simulador**. In: ALVES, Lynn; NERY, Jesse. (Orgs) **Jogos eletrônicos, mobilidades e educações: trilhas em construção**. Salvador: Edufba, 2015.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- IANNI, Octávio. **Era do Globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, 1996.
- NASCIMENTO, E. L.; GÁ, C. L. Adinkras: **Sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009
- SANTANA, C. E. C.; **Malê Debalê: Lugar de Negro. Lugar de aprender**. Revista África e Africanidades, v. 5, p. 5, 2009. Disponível em: <[http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Male\\_Debale\\_Lugar\\_de\\_Negro\\_Lugar\\_de\\_Aprender.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Male_Debale_Lugar_de_Negro_Lugar_de_Aprender.pdf)> acesso em 03 de outubro de 2015.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Reinventando a Educação: Diversidade, descolonização e redes**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.